

A intensificação como mecanismo de avaliação implícita em narrativas orais.

Iran Ferreira de Melo*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: *Este trabalho descreve o processo de intensificação lingüística por meio da figura de estilo gradação, que estamos denominando não-convencional, por não corresponder aos padrões estabelecidos pela gramática normativa, e analisa seu funcionamento como avaliação implícita em narrativas orais.*

Palavras-chave: *Intensificação; gradação; avaliação.*

Abstract: *This work describe the process of linguistics intensify through of the **no conventional gradation**, that don't correspond to standards that normative grammar establish, and observe its working as implicit evaluation in oral narratives.*

Key words: *Intensify; gradation; evaluation.*

Introdução

Segundo Gomes de Matos (1982:63)

a aprendizagem – identificação, seleção e uso – de recursos expressivo-comunicacionais é absolutamente necessária para a adequação do falante aos diversos contextos socioculturais em que ele interage.

Um desses recursos, bastante usado em diversas situações comunicativas, é a intensificação, particularmente uma forma de intensificação que se realiza por meio da figura de estilo gradação que não reproduz modelo canônico, tal como apresentado nas gramáticas e nos manuais de estilística, e que chamaremos *gradação não-convencional*, ou seja, aquela que não privilegia o uso convencional do paralelismo sintático de constituintes pertencentes à mesma categoria gramatical e não segue, uma ordem linear de ascendência ou descendência na semântica dos constituintes.

Objetivamos, aqui, investigar essa forma de gradação que funciona como mecanismo de avaliação em narrativas orais, analisando seu uso pragmático e observando até que ponto sua formação *não-convencional* contribui para que ela funcione como uma forma implícita de revelar o propósito do narrador ao relatar os fatos.

Este artigo busca contribuir com os estudos sobre narrativa, na medida em que, à diferença da avaliação explícita, que se dá na superfície do texto, propõe uma ampliação dos recursos avaliativos, considerando a possibilidade de que eles se realizem de modo implícito, ou seja, como um mecanismo que veicula o ponto de vista do narrador por meio de inferências.

* Trabalho realizado no projeto *A avaliação implícita em narrativas orais: estratégias estilístico-pragmáticas*, coordenado pela professora Maria da Piedade Moreira de Sá (UFPE).

Tomaremos como apoio teórico os trabalhos de Labov (1972, 1984) e Quirk (1970).

Fundamentação Teórica

Segundo Labov (1972:359), a narrativa

é uma forma de recapitular acontecimentos passados pela combinação de uma seqüência verbal de orações com uma seqüência de acontecimentos que efetivamente ocorreram.

É uma maneira de reviver emoções e experiências que fizeram parte da biografia de um falante. Uma narrativa pode ter por finalidade ilustrar, compartilhar, exemplificar, divertir, ou mesmo reavaliar uma determinada experiência ou acontecimento.

Segundo Labov (1972), uma narrativa completa contém seis partes: resumo (fornece o assunto da narrativa), orientação (fornece informação referente às personagens, tempo e lugar em que se deram os acontecimentos), complicação (seqüência de acontecimentos temporalmente ordenados que constituem o núcleo do relato), resolução (indica o final da série de acontecimentos), avaliação (indica o fulcro da narrativa) e coda (assinala que os acontecimentos que se seguem não acrescentam mais nada ao desenvolvimento da narrativa).

A avaliação, entendida como uma estratégia de que se vale o narrador para conferir interesse à história que está contando, reveste-se, segundo o mesmo autor, de considerável importância, pois é ela que vai contribuir para a constituição do fulcro de interesse da história.

Segundo Labov (1972), há dois tipos de avaliação: a avaliação externa e a avaliação interna. Na avaliação externa, o narrador volta-se para o ouvinte e comunica seu ponto de vista sobre o que está sendo narrado. O narrador também pode expressar um comentário, como se ele estivesse sendo feito no momento da ocorrência dos acontecimentos ou pode, ainda, colocar os comentários avaliativos *na boca* de outras personagens. Nos dois últimos casos, não há quebra da continuidade da ação da narrativa, sendo, por isso, chamadas de avaliações encaixadas. A avaliação interna pode ocorrer por meio de vários mecanismos, tais como: comparadores, correlativos, orações explicativas e intensificadores.

Os comparadores são mecanismos que estabelecem uma relação entre os eventos da narrativa e acontecimentos hipotéticos. Os correlativos resumem um acontecimento numa só oração, de modo a enfatizar a simultaneidade dos fatos. As orações explicativas justificam um determinado acontecimento, mostram a razão pela qual esse fato ocorreu. Os intensificadores são mecanismos que selecionam um acontecimento, uma situação, um lugar, uma pessoa e reforçam-nos ou intensificam-nos e são marcados normalmente por advérbios.

Por meio dos intensificadores, os falantes podem expressar sua opinião, sua posição diante de um determinado fato, ressaltar a importância desse fato para a compreensão da história, ou, ainda, segundo Labov (1984), transmitir o estado emocional do falante.

Labov (1984) afirma, também, que o processo de intensificação possui uma abrangência maior do que fazem supor algumas gramáticas normativas; ele se estende às várias classes de palavras como adjetivos, substantivos, advérbios, quantificadores, algumas locuções, verbos e, também, formas superlativas e diminutivas, além de se apresentar através do recurso estilístico de gradação, que consiste numa seqüência de palavras, sinônimas ou não, que intensificam uma mesma idéia.

Quirk (1970) apresenta uma classificação que pode servir como complementação da observação de Labov a respeito do processo de intensificação. Segundo o autor, o processo de intensificação está diretamente ligado à intenção comunicativa do falante, à importância que ele concede a um determinado evento, a um sentimento, a um comentário ou à idéia que ele quer

transmitir. Ao utilizar um intensificador, o falante está emitindo uma opinião sobre determinado fato. O autor sugere a seguinte classificação para os intensificadores: amplificadores (ampliam um dado conteúdo), enfatizadores (ressaltam uma característica específica), suavizadores (têm por finalidade atenuar um determinado aspecto), minimizadores (diminuem, depreciam o valor de algo a que se referem), aditivos (servem para apontar um item acrescentado ao enunciado e evitar repetições como no caso de *Minha mãe almoça na sala e meu pai [almoça na sala] também*, o exemplo mais comum desse tipo de intensificador é o advérbio *também*) e restritivos (aqueles que enfatizam um trecho do enunciado, por exemplo *De todos os convidados, somente ele se atrasou*; *somente* é a forma adverbial que ocorre com maior frequência). O processo de intensificação, então, figura como um mecanismo expressivo-comunicacional, ou seja, um processo que aponta a intenção comunicativa e os aspectos emocionais do falante.

Neste artigo, sugerimos alargar as noções sobre avaliação e intensificação propostas por Labov, na medida em que consideramos uma forma de gradação *não-convencional* usada em narrativas como mecanismo avaliativo implícito. Esse intensificador constitui uma maneira de o narrador assinalar sua intenção comunicativa, como afirma Quirk (1970), mas de forma implícita na enunciação. A avaliação implícita não se manifesta por meio de mecanismos lingüísticos, como os propostos por Labov (1972), mas a partir do dito num contexto específico. É apreendida como uma avaliação que não se mostra na superfície do texto, mas representa uma estratégia utilizada pelo narrador para avaliar a sua história sem que aparentemente o esteja fazendo. O intensificador gradação *não convencional* é um exemplo dessa forma de avaliar implicitamente.

Metodologia

O material que serve de *corpus* para nossa análise é constituído por nove narrativas orais – oito do tipo DID (diálogo entre documentador e informante) e uma do tipo EF (elocução formal) – retiradas dos inquéritos que integram o acervo do Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta (Projeto NURC) nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, assim distribuídos: seis inquéritos do Recife, um inquérito de Salvador e dois inquéritos do Rio de Janeiro.

Das nove narrativas selecionadas, sete são de experiência pessoal e duas de experiência vicária. Elas foram contadas por homens e mulheres de formação universitária e com idade entre vinte e cinco e sessenta e dois anos. A escolha dessas narrativas prendeu-se ao fato de elas relatarem episódios pitorescos ou engraçados que favorecem o emprego de intensificadores.

Análise

Costumamos observar, em manuais sobre a língua, exemplos em que a gradação se estrutura por paralelismo sintático: os itens lexicais que compõem o sintagma da gradação são sempre da mesma classe gramatical e a ordem da gradação, normalmente, se dá de forma ascendente, ou seja, funcionando como um intensificador de tipo amplificador, como no exemplo abaixo.

(1)

lá travei conhecimento com o proprietário da residência – uma casa, um palacete
(Mota e Rollemberg, 1994: 112)

Na nossa investigação, contudo, encontramos outras formações que chamaremos de *não-convencionais*, por não corresponderem a esse paradigma. São casos de intensificação entre itens

de classes gramaticais distintas, sem a forma canônica do paralelismo sintático e apresentando a ordem da gradação não ascendente; como se pode observar no exemplo abaixo:

(2)

e: nessa história a coisa foi engrossando e o rapaz pálido: quase cadavérico... branco sentindo mal... ele então foi... e parou de qualquer jeito porque o rapaz tava sentindo-se mal
(Sá, M. P. M. et alii, 1996:08)

Para que a gradação aconteça é necessário que pelo menos dois itens lexicais de sintagmas distintos intensifiquem-se, independentemente de sua identidade morfológica e de sua função sintática. É, a partir da relação entre eles, que se estabelece a gradação entre os sintagmas.

Os próximos exemplos constituem dois casos de gradação distintos das formações convencionais.

(3)

eu tava com uma fome LOUCA... resultado... não serviam água não serviam café não serviam nada (Sá, M. P.M. et alii, 1996:102)

Examinando o exemplo (3), verificamos que nele não há gradação no sentido convencional, mas a que estamos chamando de gradação *não-convencional*, uma vez que na expressão *não serviam*, relacionada aos termos *água* e *café* não há gradação, pois estas palavras não se intensificam. O paralelismo entre elas, como se pode notar, é de equivalência e não de intensificação, mas em relação ao uso da expressão *não serviam* atrelada à palavra *nada*, percebemos um caso de gradação, visto que é possível estabelecer uma relação semântica de intensificação entre a ausência de água e café e a não existência de qualquer coisa (nada), formando uma gradação ascendente.

Existe, parece-nos, no exemplo (3), um encaixamento entre paralelismos na formação de uma estrutura *não-convencional* de gradação. O que fica claro na sequência abaixo:

Exemplo (3)

Não serviam água.....

Não serviam café.....

Não serviam nada.....

No que concerne à avaliação implícita em narrativas orais veiculada por meio da gradação *não-convencional*, observamos que, em 40% dos casos analisados, a gradação reflete a preocupação do falante de assumir uma atitude que o retrate de modo favorável enquanto protagonista da história que está contando e, em 60%, o uso da gradação funciona como maneira de argumentar sobre algo que narra.

O exemplo abaixo ilustra um caso em que a intenção da narradora é mostrar-se como pessoa séria e responsável:

(4)

eu não podia fazer a primeira comunhão sem saber algo da doutrina ... né então tinha uma colega que era muito católica () carola e tal ... então () olha... T... eu gosto muito de você... eu disse....(Callou, D., 1991:128)

O fato de o exemplo (4) configurar-se sintática e morfológicamente de modo não-convencional pode ser interpretado como sendo intenção do narrador submeter a gradação a esse

modelo. A gradação, nesse exemplo, não só representa a apreciação do falante sobre o que diz, mas também a sua intenção em mostrar a postura que assumiu diante de uma decisão importante.

O uso do termo *carola* não foi por acaso. A palavra *carola*, que significa uma pessoa *muito* assídua à igreja, pode ter sido usada pela narradora para deixar implícito que a amiga de quem falava possui bastante conhecimento sobre a doutrina católica.

O termo *carola* é comumente usado como uma forma pejorativa para indicar que alguém não faz outra coisa senão freqüentar a igreja, mas, de acordo com o contexto em que foi produzida a narrativa (discussão sobre religiosidade), infere-se que a intenção da narradora não é fazer uma crítica à amiga, mas, ao contrário, salientar o conhecimento dessa pessoa a respeito da doutrina católica. Desse modo, o fato de o falante salientar que não buscou esclarecimento com qualquer pessoa, mas com alguém abalizado, indica, implicitamente, que a narradora usou de bastante cautela ao adotar uma religião.

Retomando o exemplo (3), se fizermos uma análise mais apurada, veremos que o fato de ser construído de forma não-convencional não é aleatório.

Nesse caso há paralelismo entre os dois sintagmas que atuam como elemento da gradação (*não serviam água não serviam café*).

É interessante notar a ordem da gradação que ocorre no exemplo (3), partindo do paralelismo entre as duas primeiras orações para o elemento mais intensificador (*não serviam água não serviam café não serviam nada*), ou seja, ordem crescente.

Por se tratarem de intensificadores, é de supor-se que o narrador pretende ressaltar ou avaliar algum ponto da narrativa. Assim, além de ser um mecanismo de avaliação, citado por Labov (1972), a gradação pode funcionar como um elemento de avaliação implícita. No caso (3), trata-se de uma narrativa sobre uma viagem promocional de avião, mas de péssima qualidade. O narrador usa o intensificador para mostrar sua indignação quanto ao serviço de bordo. É importante salientar, também, que nessa narrativa o locutor vai pontuando quase toda sua história com a informação de que passou fome durante a viagem. Ou seja, a gradação serve para corroborar a situação de desconforto experimentada pelo narrador, justificando o motivo pelo qual ele conta a história.

Levando em consideração a produção de sentido gerada pelas gradações dos exemplos (3) e (4), infere-se que elas, no contexto de narrativas orais, podem servir como mecanismo de avaliação, correspondendo a um modo do falante expor sua impressão sobre o que conta – exemplo (3) – como também a uma maneira desse mesmo falante valorizar-se – exemplo (4) –, de modo implícito.

Nos casos citados, a gradação funciona como uma estratégia de avaliação sobre alguns dos acontecimentos narrados. No exemplo (3) o narrador insiste sobre a ausência de um bom serviço numa viagem aérea promocional em que, sequer, foram servidos água e café. Constrói-se, dessa forma, uma imagem negativa da empresa de aviação ao salientar o descaso desta com relação aos passageiros. Já o exemplo (4) ressalta o conhecimento de uma amiga a quem a narradora pede auxílio quando resolveu ingressar como adepta de uma igreja; a fim de demonstrar cautela e seriedade, não pediu ajuda a qualquer pessoa, mas a uma amiga *carola*, e, se supõe, nesse caso, que o termo é usado como adjetivo que indica grande conhecimento da doutrina católica, e não no sentido pejorativo em que comumente é entendida a palavra – para caracterizar alguém que não faz outra coisa a não ser freqüentar a igreja (*barata de igreja*) – isso é justificável por se imaginar que a narradora não usaria o termo *carola* no sentido pejorativo para indicar alguém a quem ela procuraria para ajudá-la, mas o contrário, significando conhecedora da doutrina, pois, assim, se autopromoveria, colocar-se-ia numa situação favorável.

Conclusão

Os artifícios empregados pelo narrador para ressaltar certas unidades narrativas, para refletir (e levar os ouvintes a refletirem) sobre acontecimentos que o afetaram pessoalmente, ou a outras pessoas, põem em relevo o fulcro de interesse da história que está contando, podendo, também, colocar-se numa posição favorável.

Procuramos, aqui, demonstrar como o intensificador, na narrativa oral, confere sentido à história e contribui para a compreensão, não só do que foi explicitado como também do que foi dito implicitamente.

É possível concluir que a gradação não-convencional como mecanismo intensificador de avaliação implícita em narrativas orais serve como um instrumento eficaz de que se vale o falante para expressar seu ponto de vista e a importância da história que está contando.

Referências Bibliográficas

CALLOU, Dinah (Org.). *A língua falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

LABOV, William. *The Transformation of Experience in Narrative Syntax*. In: LABOV, William *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. pp.354-398.

_____. *Intensity*. In: SCHIFFRIN, Deborah (org.) *Meaning, Form and Use In Context: Linguistic Applications*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1984. pp. 84-103.

MATOS, Francisco Gomes de. *A descrição e o uso de intensificadores no ensino de Português*. American Association of Teachers of Spanish and Portuguese: Hispania, 1982. pp. 63-66.

MOTA, Jacyra e ROLLEMBERG, Vera. *A língua falada culta na cidade de Salvador*. Salvador: UFBA, 1994.

QUIRK, Randolph. *Semantic Categories of Adverbs*. In: QUIRK, R. *Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1970, pp. 534 – 539.

SÁ, M. P. M. et alii. *A língua falada culta na cidade do Recife*. Recife: UFPE, 1996.